

**Épica e modernidade em Sousândrade, Luiza Lobo, Rio de Janeiro, Presença/Universidade de São Paulo, 1986.**

Em *Épica e modernidade em Sousândrade* Luiza Lobo aprofunda e estende as fontes épicas que serviram de base à feitura de *O Guesa* (1884), livro de poesia do poeta maranhense Joaquim de Sousa Andrade, o Sousândrade (1832-1902). A partir do estudo de Curtius, *Literatura européia e Idade Média Latina*, investiga as possíveis analogias entre o texto do poeta maranhense e os topoi e imagens já exploradas por Virgílio e Dante. A estes acrescenta interessante análise da épica de Milton. Realiza também instigante levantamento sobre a chamada épica romântica — um verdadeiro projeto da literatura européia do século XIX — estudo ainda não efetuado no Brasil, salvo engano. Byron, Lamartine, Chateaubriand, este na sua prosa poética, buscaram reviver os grandes tempos épicos inserindo-os na modernidade do Cristianismo. A autora continua este projeto, inclusive, no seu *Teorias poéticas do Romantismo*, livro ainda inédito contendo traduções de prefácios e ensaios sobre o fazer poético dos próprios autores do período. Como viajante contumaz, Sousândrade soube aproveitar a lição européia, aliando-a ao novo espírito épico democrático e republicano de Emerson e Whitman. Aclimatou-os às peculiaridades das fazendas devolutas da família — cujos escravos vendeu para ir estudar na Europa (1854-1856) — aos mitos dos índios da Amazônia e Colômbia e a fatos da história do Brasil e da América Latina, sempre numa perspectiva antimonárquica, revolucionária, para a época.

*O Guesa* responde a um projeto ambicioso por parte de Sousândrade — mais que o de qualquer outro poeta indianista brasileiro. Buscou amalgamar a literatura européia às particularidades do índio brasileiro — projeto que seria completado apenas com os modernistas Oswald de Andrade e Mário de Andrade. Uma tese de literatura comparada que busca resgatar este universo de intertextualidades e complexidades simbólicas esbarra nesta grandiosidade pós-romântica. O material é vasto.

A autora buscou, talvez por este motivo, esclarecer, do ponto de vista pragmático, alguns mistérios que ainda envolvem o "mito literário" Sousândrade. Assim, constatou, com provas encontradas na Biblioteca Pública de Nova Iorque, cidade onde o poeta viveu com a filha Maria Bárbara por 15 anos, que *O Guesa* deve ser mesmo de 1884, e não de 1888, conforme Frederick Williams afirmara, com base na data do depósito legal do livro em Londres. Descobriu também um elo que faltava na cadeia bibliográfica do autor: um livro dado por perdido por Sacramento Blake. Parece ser o *Harpas eólias*, localizado por ela na Cornell University.

Este *Épica e modernidade em Sousândrade* não se perde, portanto, em terminologias eruditas e acadêmicas, mas se integra entre as poucas obras brasileiras a fazerem um estudo de literatura comparada do Romantismo europeu, norte-americano, brasileiro e hispano-americano. Por outro lado, para aqueles que ainda não leram Sousândrade: vida e obra, de Frederick Williams (São Luís, SIOGE, 1978), apresenta os dados biográficos do misterioso poeta de forma sucinta. E, igualmente a partir dos estudos biográficos já existentes, articula uma leitura plausível para os cantos do poema, que no estágio atual de estudos deixam o leitor perplexo pela sua falta de encadeamento lógico. Propõem que sejam lidos como na épica clássica, *in media res*, o que leva a uma certa inversão cronológica dos eventos, ao nível do narrado. Há, assim, na sua proposta leitura, possibilidade de utilizar a biografia do poeta para compreender a seqüência factual dos

traze cantos, com a necessária distorção que sempre ocorre no plano imaginativo. Neste ponto se opõe ou revê à leitura do *Guesa* proposta pelos irmãos Campos em *Revisão de Sousaândrade* (1. ed. Invenção, 1964, 2. ed. 1983, Nova Fronteira), de que as datas apostas no início de cada canto seriam as datas de em que os mesmos foram escritos.

É sem dúvida um livro que contribui para a bibliografia de Sousaândrade, seguindo-se ao *Tradição e ruptura: O Guesa de Sousaândrade* (São Luís, SIOGE, 1979), também da autora.

Lúcia Vassalo